



TICS NA AGRICULTURA FAMILIAR: OS USOS E AS APROPRIAÇÕES EM REGIÕES DO SUL DO BRASIL

**Ângela Cristina Trevisan Felippi¹
Cidonea Machado Deponti²
Mizael Dornelles³**

Resumo

O artigo faz a aproximação entre duas pesquisas que investigam o uso e as apropriações das tecnologias da informação e da comunicação (TICs) no contexto da agricultura familiar, com destaque para a nova mídia (computador, celular e internet). O recorte espacial é feito a partir de duas regiões do estado do Rio Grande do Sul - Brasil, a Microrregião de Santa Cruz do Sul e a região do COREDE Vale do Caí. Ambas as pesquisas desenvolvem-se a partir do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional da UNISC, RS, e, embora com propostas distintas, preocupam-se com os processos de inclusão digital das populações rurais. As investigações são qualitativas, sendo a realizada na Microrregião de Santa Cruz do Sul de caráter sócio antropológico, envolvendo visitas a sete famílias, com aplicação de formulário sociocultural individual e familiar e entrevista semiestruturada individual, elaboração de diários de campo e de registros fotográficos. A pesquisa realizada no Vale do Caí apoiou-se

Recebimento: 29/8/2015 • Aceite: 10/5/2016

¹ Doutora em Comunicação Social pela PUCRS. Professora do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional (PPGDR) da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC). Santa Cruz do Sul, RS, Brasil. E-mail: angelafe@unisc.br.

² Doutora em Desenvolvimento Rural pela UFRGS. Professora do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional (PPGDR) da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC).. Santa Cruz do Sul, RS, Brasil. Email: cidonea@unisc.br

³ Mestre em Desenvolvimento Regional pelo PPGDR/UNISC. E-mail: geomiza@yahoo.com.br.

em um Piloto composto por dez famílias de agricultores familiares. A seleção deste Piloto foi intencional, portanto não probabilística. Dentre as atividades realizadas destacam-se: aplicação de um roteiro semiestruturado; realização de oficinas de integração; construção coletiva de planilhas eletrônicas (Excel) de gestão da propriedade rural; e, acompanhamento dos agricultores para monitoramento e para auxílio ao processo de registro das informações. As pesquisas encontram relação nos resultados preliminares, que identificam os usos predominantes das TICs para o lazer em detrimento dos fins relacionados à atividade produtiva e apontam para uma apropriação ainda parcial dessas tecnologias.

Palavras-chave: Tecnologias da Informação e de Comunicação; Rural; Agricultura Familiar; Consumo; Apropriações

ICTs IN FAMILY FARMING: ITS USES AND ACQUISITION IN REGIONS OF SOUTHERN BRAZIL

Abstract

This article brings together two researches that investigate the use and the acquisition of information and communications technologies (ICTs) – computers, cell phones and internet – by small farmers in their environment. The scope of the study is two regions in the Brazilian southernmost state of Rio Grande do Sul – the Santa Cruz do Sul microregion and the COREDE region in the Cai River Valley. Both researches were conducted by members of the Regional Development Graduate Program of UNISC, RS. The investigations are qualitative and the one carried out in the Santa Cruz do Sul microregion has a socio-anthropological character. It included visitations to seven families, filling out of a sociocultural questionnaire for each family and for each individual within a family, a semi-structured individual interview, keeping field diaries and photographic records. The research carried out in the Cai River Valley was based on a sample of ten farming families who were chosen in a non-probabilistic manner. The most relevant activities were: implementation of a semi-structured script; carrying out integration workshops; collective creation of Excel worksheets for rural farming management; and follow-up to monitor and support the farmers in the process of inputting data. In their preliminary results these researches identify the use of ICTs primarily

for the leisure of the families rather than productive activities. The results also indicate an only partial acquisition of these technologies.

Keywords: Information and Communications Technologies; Rural; Family farming; Consumption; Acquisition

Introdução

O recente desenvolvimento das tecnologias de informação e de comunicação (TICs), em certa medida, facilitou o acesso à informação e ao conhecimento, tanto na escala mundial, como em escalas circunscritas a países ou regiões. Neste artigo, compreende-se TICs como as tecnologias de informação, entendidas como também de comunicação, uma vez que medeiam as relações comunicacionais entre as pessoas. Refere-se especialmente às tecnologias surgidas com a revolução digital do final do século XX. Nas últimas duas a três décadas, em especial as novas mídias – telefone celular e computador -, ganharam cada vez mais destaque, ampliando usuários, serviços e conteúdo oferecido, inclusive em países periféricos, como o Brasil. E não mais correspondem a redes verticalizadas como as mídias tradicionais, cujos conteúdos partem de grandes centros urbanos, onde se concentra sua produção, gestão e capital do setor. No entanto, no caso brasileiro, mesmo em relação às novas mídias, o meio rural ainda apresenta muita dificuldade em acessá-las. Por outro lado, não é possível desassociar o rural do uso das TICs, uma vez que se tratam de ferramentas importantes no acesso à informação e ao conhecimento, tanto para a gestão da produção agropecuária e demais atividades realizadas nesse espaço, quanto para a formação dos sujeitos e sua inclusão na sociedade contemporânea. Mas o uso e a apropriação das TICs por famílias de agricultores familiares ainda é bastante limitado, causando o que autores chamam de “brecha digital

Neste sentido, o texto que segue procura discutir a convergência das pesquisas “Tecnologias de comunicação nas práticas cotidianas: o caso de famílias relacionadas à cadeia agroindustrial do tabaco”, em andamento e financiada pelo UNIVERSAL 14/2014, MCTI/CNPq, coordenada pela Pontifícia Universidade Católica de Porto Alegre com a participação de pesquisadores e estudantes de pós-graduação e graduação do PPGDR-UNISC, e “O uso e a apropriação de tecnologias de inovação e de comunicação (TICs) pela agricultura familiar no Vale do Caí”, com vistas a problematizar os usos e as apropriações das TICs no espaço rural. Os resultados dessa segunda pesquisa apresentados aqui referem-se a um Projeto Piloto realizado na cidade de Montenegro, Rio Grande do Sul, Brasil, envolvendo o Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC) e três cursos do Campus do município de Montenegro (Administração, Contábeis, Sistemas de Informação), também da UNISC, em parceria com a EMATER/RS-ASCAR e com o Sindicato dos Trabalhadores Rurais do referido

município. Para a realização das atividades de pesquisa e/ou extensão contou-se com o apoio da UNISC e da FAPERGS, sendo que as atividades se iniciaram com o Projeto Piloto *Desenvolvimento Rural e TICs*, realizadas durante o período de julho de 2012 a dezembro de 2014, no qual os resultados da pesquisa são apresentados no presente artigo. Atualmente o projeto foi aprovado em edital UNIVERSAL 14/2014, MCTI/CNPq e suas atividades foram ampliadas para o Vale do Caí.

A primeira pesquisa tem o objetivo de explorar o estudo de práticas relacionadas à mídia, privilegiando “os atores efetivamente envolvidos em suas atividades diárias” (ESCOSTEGUY *et al*, 2014), no caso, famílias de agricultores ligados à produção do tabaco. Já a segunda pesquisa procura analisar as possibilidades de introdução de tecnologias de informação e de comunicação (TICs) para a agricultura familiar no Vale do Caí, visando o desenvolvimento regional.

Procuramos avançar nas discussões preconizadas pelas pesquisas com o objetivo, neste texto, de promover a discussão acerca dos usos e das apropriações das TICs por agricultores familiares em distintas regiões do estado Rio Grande do Sul. Para tanto, inicialmente realizamos um resgate da inserção das TICs no campo brasileiro. Na sequência pontuamos como entendemos a agricultura familiar e destacamos sua marcante presença na Microrregião de Santa Cruz do Sul e na região do COREDE do Vale do Caí. E num terceiro momento, a partir dos resultados preliminares das pesquisas em comum, discutimos elementos relevantes dos usos e das apropriações das TICs pelos agricultores familiares.

A inserção das TICs no campo brasileiro

O ingresso das populações rurais brasileiras no mercado de consumo de bens culturais - e entre eles as tecnologias de informação e de comunicação (TICs) - deu-se com intensidade na segunda metade do século XX. Vários fatores contribuíram para tal, entre os quais se destacam o processo de modernização do campo e o desenvolvimento das indústrias culturais no país. É no final dos anos 1940 que o governo brasileiro, assim como boa parte dos latino-americanos, adotou o padrão técnico de agricultura “moderna”, proposto pelos países centrais. Na esteira desse processo, a população rural se inseriu no mercado de consumo, tanto dos bens e dos insumos agrícolas, como dos bens culturais, uma vez que a modernização exigia o acesso ao conhecimento e à informação.

No caso da oferta de bens culturais e simbólicos, as indústrias culturais também têm um marco de desenvolvimento no Brasil a partir dos anos 1940. Para Ortiz (1995), pode-se considerar essa década como o início de uma sociedade de massa, com a consolidação do país como urbano-industrial, formando um mercado de consumo, especialmente com a expansão do operariado e da classe média urbana. O rádio já tinha exuberância, porém se expande e se interioriza no período; ocorre o crescimento do número e da tiragem dos jornais e das revistas; tem-se a entrada do cinema americano, o surgimento dos estúdios nacionais (Atlântida e Vera Cruz) e a abertura das grandes salas de exibição; organiza-se a indústria da publicidade e ocorre a flexibilização da legislação vigente; e Chateaubriand traz a televisão, símbolo de modernidade e marco do crescimento dos investimentos empresariais no setor⁴.

Valendo-se desse contexto, dentro do projeto modernizador do campo, governo e iniciativa privada - indústrias de insumos agrícolas, sistema de crédito -, introduzem no país os serviços de informação agrícola. Representados por produtos comunicacionais específicos para a difusão de informações técnicas sobre agropecuária, educação rural e de saúde (cartilhas, programas de rádio, filmes, folhetos, boletins, jornais, etc) foram criados e difundidos com muita intensidade entre os anos 1940 e 1970. Bordenave (1995) traz levantamento da produção de 350 filmes pelo Serviço de Informações Agrícolas (SIA), do governo federal, nos anos 1940 e 1950, assim como um noticiário diário distribuído às rádios e aos jornais de todo país, e até a existência de uma emissora própria, a Rádio Rural.

Com a crise do processo de modernização, a partir dos anos 1960, a difusão agrícola também passa por revisões e as alternativas caminham para uma comunicação com as populações rurais de caráter participativo, à luz dos estudos de Paulo Freire. Surge a comunicação rural, que na formulação de Bordenave (1985, p. 7) é “um conjunto de fluxos de informação, de diálogo e de influência recíproca, existentes entre os componentes do setor rural e entre eles e os demais setores da

⁴ A Associação Brasileira de Crédito e Assistência Rural - ABCAR - registrou a existência, em 1958, de 192 matutinos e 76 vespertinos no Brasil, sendo 150 do interior, e cerca de 1000 jornais não diários, a maioria editada no interior. O registro de revistas, em 1959, apontava para a existência de 400, a maior parte editada nas capitais. Vinte eram especializadas em agricultura. Já havia, em 1956, 481 emissoras de rádio, sendo 391 no interior e, em 1957, o número chegava a 525, com 428 delas no interior. O número de aparelhos de rádio era estimado em quatro milhões e havia 15 estações de televisão, em 1956 (SILVEIRA, 1991).

nação afetados pelo funcionamento da agricultura, ou interessados no melhoramento da vida rural".

Mesmo com a retração do modelo de difusão de informação, a oferta de bens comunicacionais a um mercado consumidor localizado no rural já haviam sido criados. Nos anos 1970, o Brasil já tem indústrias culturais consolidadas e a televisão começa a se expandir para o interior, com a infraestrutura montada pelo governo militar com vistas à integração nacional a partir das telecomunicações. A mídia comercial já estabeleceu alguns padrões de conteúdo para as populações rurais ou sobre o rural, que se dividia – assim como até hoje - entre informativo (enfoque econômico/agropecuário) e de entretenimento (enfoque musical/folclórico e a teledramaturgia, com telenovelas ambientadas no rural).

Assim, em termos de produção comunicacional e midiática, o rural tem sido abordado mais pela sua dimensão produtiva, uma vez que predominam espaços informativos e com ênfase nos aspectos da atividade produtiva (agropecuária). Em menor medida, a mídia mostra o rural como um espaço de vida, na sua complexidade. Somada a esta característica, vem a da menor oferta de conteúdos específicos para o rural na relação com o que é produzido para (e sobre) o urbano. Com audiência, anunciantes, mídias e tecnologias se concentrando nas (grandes e médias) cidades, o rural esteve e continua estando aquém no acesso às mídias, às tecnologias de comunicação e informação e aos conteúdos. Por fim, outra característica decorrente das primeiras, é a de que nos espaços de informação (telejornais, suplementos agrícolas, revistas especializadas), predominam os discursos emitidos pelo Estado, pelos órgãos públicos ou privados de pesquisa e pelas empresas de insumos do setor agropecuário. Ao menos nas mídias tradicionais, as populações rurais são ouvidas nas notícias normalmente para referendar esses discursos. E nos espaços de entretenimento, predomina uma produção que, mesmo segmentada, é atravessada pelo seu caráter massivo e popular, constantemente criando e reforçando estereótipos acerca do rural e de suas populações na busca pela audiência⁵.

Nas duas últimas décadas, a emergência da nova mídia (computador, internet e celular) tem atingido o espaço rural, seja por

⁵ Podemos incluir aí desde os programas de auditório do rádio e da televisão, musicais e de humor, e as algumas telenovelas, e usar a apresentação da figura do caipira como um exemplo da estereotipização. Excetuam-se dessa maioria os programas realizados por mídias públicas, comunitárias ou independentes que buscam construir sentidos mais abertos sobre o rural, como, por exemplo, os programas de televisão *Viola minha viola* e *Sr. Brasil* (TV Cultura-SP).

meio de aquisição individual dos aparatos tecnológicos ou através das políticas públicas do Estado ou da iniciativa privada. Mesmo que numa cronologia distinta da que cumpre em grandes centros e em camadas mais abastadas da sociedade, as famílias da agricultura familiar, objeto deste artigo, estão tendo acesso às recentes ofertas em tecnologia da informação e da comunicação, tratando-se especificamente aqui do celular e do computador com internet (e seus 'correlatos', como *smartphones* e *PCs*, *notebooks*, *netbook*, *ultrabooks*, *tablets* etc). Os dados não são precisos⁶, mas o que é fato é que celular, computador e internet estão avançando no campo brasileiro e alterando as rotinas comunicacionais e de vida dessas populações, marcando novas relações na aquisição de informações, na sociabilidade e no acesso ao conhecimento, um tanto distintas das construídas com as mídias tradicionais, dado o potencial de interatividade e uso individualizado que carregam, o que será discutido posteriormente neste artigo.

A agricultura familiar na Microrregião de Santa Cruz do Sul e na região do COREDE Vale do Caí

No Brasil, a expressão agricultura familiar ganhou projeção nacional no final dos anos 1980 e, principalmente, a partir da primeira metade da década de 1990. O debate, inicialmente, concentrou-se no campo político e, posteriormente, acadêmico. (SCHNEIDER, 1999). Se comparado a Europa e aos Estados Unidos, o debate sobre agricultura familiar no Brasil está atrasado. No entanto, na América Latina, o Brasil é o país onde este debate tem gerado muitas discussões e, até mesmo, controvérsias. A própria utilização do termo agricultura familiar não é um consenso entre os autores que estudam o tema, tais como Wanderley (1995; 2003), Tedesco (1999), Graziano da Silva (1999), Jean (1994), Neves (1995), Schneider (2003), dentre outros. Contudo acredita-se estar se tratando de uma mesma categoria social.

Desta forma, verifica-se que a compreensão da agricultura familiar como uma categoria social, não permite a construção de uma Teoria Social, mas sim de uma perspectiva e/ou abordagem teórica que busca a compreensão da realidade e à medida que se aproxima da realidade torna-se mais forte e preponderante (DEPONTI, 2008).

⁶ No caso do celular, por exemplo, as operadoras nacionais informam cobertura em localidades que não dispõem de sinal de telefonia satisfatório. Os dados da internet são pulverizados entre distintos fornecedores do sinal, alguns locais, e difíceis de mapear.

A agricultura familiar sofreu um processo heterogêneo de diferenciação, adaptando-se aos novos contextos e revestindo-se de suas raízes e tradições. No entanto, o lugar da agricultura na sociedade contemporânea ainda está em construção, necessitando permanentemente de reconhecimento da sociedade e do Estado, além de políticas públicas que assegurem sua reprodução, valorização e manutenção de seu patrimônio sociocultural. Ademais, também é necessário o reconhecimento do mundo rural não só pelas atividades produtivas convencionais, mas pela produção de serviços e de bens não agrícolas.

A importância da agricultura familiar para o desenvolvimento regional vai muito além da produção de alimentos. Segundo Ploeg (2014), a família controla os principais recursos da propriedade (a terra, os animais, os cultivos, o material genético, as construções, a maquinaria e o conhecimento de como combinar e utilizar estes recursos) e a agricultura familiar cria práticas agrícolas produtivas, sustentáveis, receptivas, flexíveis, inovadoras e dinâmicas, podendo contribuir para a segurança e a soberania alimentar.

O reconhecimento da agricultura familiar como uma forma social de trabalho e de produção, organizada social, econômica, produtiva e ambientalmente sob a égide da diversidade territorial e de seus múltiplos mecanismos de perpetuação é traduzi-la como uma estratégia de desenvolvimento regional [(CONTERATO,GAZOLLA E SCHNEIDER 2007); (CONTERATO, SCHNEIDER E WAQUIL, 2010)].

Sendo assim, a Microrregião de Santa Cruz do Sul apresenta uma delimitação proposta pelo IBGE, e uma forte presença da agricultura familiar, e é composta dos municípios de Arroio do Tigre, Candelária, Estrela Velha, Gramado Xavier, Herveiras, Ibarama, Lagoa Bonita do Sul, Mato Leitão, Passa Sete, Santa Cruz do Sul, Segredo, Sinimbu, Sobradinho, Vale do Sol, Venâncio Aires, Vera Cruz. Já a região do COREDE Vale do Caí composta pelos seguintes municípios: Alto Feliz, Barão, Bom Princípio, Brochier, Capela de Santana, Feliz, Harmonia, Linha Nova, Marata, Montenegro, Pareci Novo, Salvador do Sul, São José do Hortêncio, São José do Sul, São Pedro da Serra, São Sebastião do Caí, São Vendelino, Tupandi, Vale Real, diz respeito a uma regionalização para planejamento e para execução de políticas de desenvolvimento no estado do Rio Grande do Sul. A região do Caí também é marcada pela grande presença da agricultura familiar. A Figura 1 ilustra a localização de ambas regiões em estudo, sendo que a Microrregião de Santa Cruz do Sul está situada na porção Centro Oriental do estado do Rio Grande do Sul, e a região do COREDE Vale do Caí, na porção Nordeste do estado.

Segundo IBGE, em 2010, a Microrregião de Santa Cruz do Sul tinha uma população de 320.312 habitantes, onde 36,81% residiam em área rural, formada por 16 municípios, na maioria com características predominantemente rurais, cuja principal atividade é o cultivo do tabaco. Destes municípios, seis apresentavam uma população rural acima de 85% e três municípios uma população urbana acima de 60%. O município sede, que dá nome à Microrregião, tem seu desenvolvimento atrelado ao processamento do tabaco para exportação e a fabricação de cigarros, e em 2010 tinha uma taxa de urbanização de aproximadamente 90% com mais de 105 mil pessoas residindo no meio urbano.

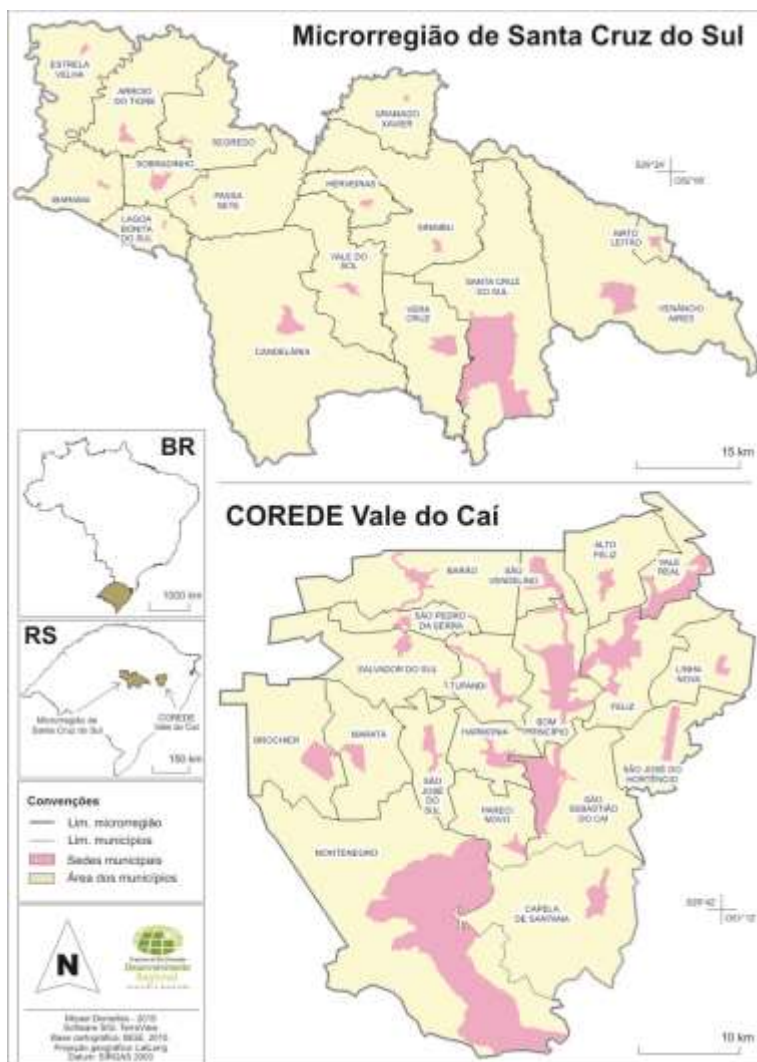
O tabaco é cultivado na Microrregião desde o início da colonização germânica, a partir de 1849, sendo que inicialmente a produção atendia ao mercado interno e, com a industrialização e o crescimento das exportações, no século XX, a Microrregião tornou-se sede de empresas multinacionais de processamento de tabaco. Há registros de quarenta empresas de compra e processamento de tabaco (STIFA, 2015), bem como uma fábrica de cigarros. Essas empresas recebem 80% do tabaco em folha cultivado no país (SILVEIRA, DORNELLES e FERRARI, 2012, não paginado). Lembramos que o Brasil é o segundo maior produtor de tabaco do mundo, destacando-se na quantidade, qualidade e rendimento da produção (SILVEIRA, 2011). Em 2014, o tabaco representou 1,11% do total das exportações nacionais, com US\$ 2,5 bilhões embarcados, de uma produção de 735 mil toneladas, sendo que dessa, 85% foi destinada ao exterior (SINDITABACO, 2015). O tabaco ocupa, direta e indiretamente, 2,5 milhões de trabalhadores urbanos (indústria e comércio e serviços) e rurais (na lavoura) no país, sendo que na lavoura, no Sul do Brasil, onde se concentra a produção, o número chega a 162.410 famílias (CARVALHO *et al.*, 2014).

A população total dos 19 municípios que formam a região do COREDE Vale do Caí, em 2010, foi de 169.580 habitantes. A população rural no período foi de 26,35%. No entanto cabe destacar que a população urbana concentrava-se consideravelmente em quatro municípios, com 71,94% da população urbana da região e 11 municípios apresentavam uma população inferior a cinco mil habitantes (IBGE, 2010). A região tem na citricultura a principal característica produtiva. A cultura foi introduzida, num primeiro momento, na região por imigrantes açorianos no final do século XVIII e teve continuidade com os imigrantes germânicos e italianos. O perfil econômico da região, por um lado acentuadamente agropecuário, e, por outro, com muitas indústrias, várias delas integrantes de

complexos agroindustriais. As indústrias da região são ligadas tanto à produção agropecuária de aves, de frutas e de laticínios, como as indústrias de calçados, de cerâmicas, madeireira, moveleira, têxtil, vestuário, metal-mecânica e uma montadora de tratores (BERTAZZO, 2009). Os investimentos mais recentes com a produção do citros relacionam-se as tecnologias de processamento das frutas em agroindústrias locais (visando o mercado externo) e na incorporação de técnicas que visam a diminuição ou exclusão total do uso de agrotóxicos.

A Microrregião de Santa Cruz do Sul apresenta uma área territorial de 5.560,8 km² (556.080 hectares), da qual 419.114 hectares correspondem à área dos estabelecimentos agropecuários e 27.081 a quantidade de estabelecimento. A região do COREDE Vale do Caí tem área total de 1.854,4 km² (185.440 hectares). A área dos estabelecimentos agropecuários era de 121.589 hectares distribuídos em 10.341 unidades (IBGE, 2006). De acordo com a base cartográfica de 2010 do IBGE, da área territorial total das regiões, 7,4% são relativas à área demarcadas como perímetros urbanos, 4,7% na Microrregião de Santa Cruz do Sul e 15,5% na região COREDE Vale do Caí.

Figura 1: Microrregião de Santa Cruz do Sul e região do COREDE Vale do Caí



Fonte: Elaborado por Mizael Dornelles.

Podemos ainda destacar o predomínio da agricultura familiar nas duas regiões, quando o Censo Agropecuário de 2006 mostra que a agricultura familiar correspondia a 94,58% dos estabelecimentos agropecuários nas duas regiões. Na Microrregião de Santa Cruz do Sul foi de 95,91% e na região COREDE Vale do Caí 91,06%. Além do maior número de unidades de produção a área ocupada com a agricultura familiar também foi maior nestas regiões, 83,63% na primeira e 76,18% na segunda região.

Caminhos metodológicos

A pesquisa realizada na Microrregião de Santa Cruz do Sul é de caráter sócio antropológico, para a qual interessa observar as transformações que tanto a mídia tradicional (rádio, Tv, impressos), quanto a nova mídia estão ocasionando na vida cotidiana do grupo indicado, suas relações de interdependência, as apropriações de tais artefatos, isto é, os usos e experiências que são sempre produzidos no espaço cotidiano. Os sujeitos de pesquisa são as famílias da agricultura familiar relacionadas à produção de tabaco da Microrregião, levando-se em conta geração e gênero. A definição dos sujeitos relaciona-se aos objetivos da pesquisa, que visa reconstituir e compreender as práticas que se configuram na interação cotidiana com as tecnologias de comunicação, a partir dos sentidos atribuídos pelo grupo social a ser investigado, na sua vida diária, além de inventariar as TICs presentes nos lares.

O campo se deu no município de Vale do Sol, junto a sete famílias compostas por pelo menos duas gerações e de mulheres e homens. Foram feitas duas visitas a cada família, que se iniciaram em julho de 2014 e se encerraram em outubro de 2015. Chegou-se às famílias a partir da indicação de uma organização não governamental que atua no fomento à produção e comercialização de alimentos ecológicos na região há mais de três décadas. Brandão (2007), por exemplo, sugere que a entrada dos pesquisadores numa dada comunidade ou grupo não se torna tão estranha quando utilizamos a intermediação de alguém próximo às pessoas que serão entrevistadas, porque se pode ter uma abertura maior.

A equipe de pesquisadores, professores e estudantes, fez duas visitas a cada família e os dados foram coletados foram: na primeira visita, por meio de uma conversa coletiva inicial, e, após, a aplicação de formulários individuais com questões de caráter sociocultural e um formulário. Foram produzidas fotografias da família, do lar e da propriedade rural. Posteriormente, cada pesquisador elaborou um diário de campo. Esses instrumentos possibilitaram levantar um perfil sócio cultural das famílias (idade, escolaridade, renda, infraestrutura, posse de eletrodomésticos), inclusive a presença das TICs no lar e, em parte, os usos das tecnologias por parte de cada membro da família. O formulário com questões de caráter sociocultural é um instrumento que permite ter acesso a dados mais objetivos sobre as condições socioeconômicas do grupo e o consumo cultural, tanto da mídia quanto de outras expressões culturais, permitindo reconstruir um mapa do

consumo doméstico, no entendimento de Lopes, Borelli e Resende (2002, p. 55).

A segunda visita às famílias ocupou-se de realizar entrevistas semiestruturadas com cada membro da família (com exceção dos menores de 12 anos), quando foram abordados aspectos relacionados às práticas de uso das TICs, tanto atuais, quanto passadas. Duarte (2004, p. 215) enfatiza que a realização de entrevistas é fundamental quando o objetivo é mapear práticas, crenças, valores e sistemas classificatórios de universos sociais específicos. Na entrevista buscou-se explorar o consumo das TICs considerando os eixos *tempo e espaço*. Aprofundou-se o *como, quando e com que finalidade* os entrevistados usavam cada uma das tecnologias da comunicação presentes no lar. Ainda, foi buscado saber qual a TICs de preferência do entrevistado, bem como alguma lembrança marcante na relação com os meios e relação das tecnologias da comunicação com o mundo do trabalho. Novamente foram realizados registros fotográficos e elaborados diários de campo.

Para fins deste artigo, foram consideradas as duas primeiras famílias visitadas, cujas visitas ocorreram no segundo semestre de 2014, uma vez que os dados já foram sistematizados e analisados.

Quanto à metodologia adotada para a realização da pesquisa no Vale do Caí, destaca-se que as atividades foram divididas em pesquisa e em extensão tecnológica. Conforme já destacado 10 famílias de agricultores foram selecionadas para fazerem parte do Projeto Piloto. Esta seleção foi realizada mediante parceria com EMATER/RS-ASCAR e Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Montenegro. O critério de seleção dos 10 agricultores baseou-se no acesso ao computador e à internet. Portanto, não se trata de uma amostra probabilística, mas de um Projeto Piloto. Ressalta-se que as 10 famílias, eleitas a partir do Projeto Piloto desenvolvido no município de Montenegro, Vale do Caí, RS, foi intencional, pois, tanto a metodologia de acompanhamento *in loco* de construção coletiva de planilhas eletrônicas pelos agricultores, bem como o envolvimento dos próprios sujeitos como multiplicadores do processo, requeria a eleição de um grupo menor de integrantes. A escolha por um número restrito de agricultores justifica-se pela questão metodológica referente à extensão tecnológica.

A equipe do projeto caracteriza-se por interdisciplinar, pois agrupa professores e acadêmicos de diversas áreas do conhecimento, dentre elas: economia, administração, serviço social, contabilidade e sistemas de informação. Dentre as atividades de pesquisa realizadas destacam-se:

a) reuniões com a EMATER/ASCAR-RS e Sindicato dos Trabalhadores Rurais para apresentação do projeto. Esta se caracteriza como a primeira etapa da pesquisa, ou seja, a formação e a articulação da rede de atores que participação do Projeto. Após o primeiro contato com as organizações citadas foi realizada a pré-seleção dos participantes do Projeto;

b) reunião com a equipe e os agricultores pré-selecionados para apresentação do Projeto – nesta ocasião foi apresentado o Projeto Piloto e discutido com os agricultores presentes, em torno de 20, a partir do interesse manifestado por eles, selecionou-se 10 agricultores para o Piloto;

c) oficina de integração com os agricultores em que se questionou sobre a utilização das principais tecnologias de informação e de comunicação, tais como o uso da internet, e-mail, acesso a sites, comunicadores instantâneos, e demais funcionalidades básicas existentes. Nesta ocasião os agricultores tiveram acesso aos computadores e as principais tecnologias de informação e de comunicação, tais como o uso da internet, e-mail, acesso a sites, comunicadores instantâneos e criou-se um grupo no facebook para troca de informações;

d) realização de oficina de integração com palestra sobre a importância da educação financeira e do controle dos gastos,

c) realização de entrevistas através da aplicação de roteiro semiestruturado aplicado às dez famílias componentes do Projeto Piloto para obtenção de informações socioeconômicas e culturais, além de informações sobre o uso e apropriação de TICs;

d) inclusão das informações em planilha *Excel* para análise dos resultados. A análise dos dados quantitativos através da técnica de tratamento estatístico simples (MARCONI; LAKATOS, 2006), que possibilitou a elaboração de gráficos e tabelas com base nas informações coletadas. A análise dos dados qualitativos a partir da técnica de análise de conteúdo com base em Bardin (1977), constituída por três fases distintas: a organização da análise ou pré-análise, a exploração ou codificação e o tratamento dos dados e/resultados;

e) participação em evento científico e publicação de artigo científico.

As atividades de extensão contemplaram:

a) construção de planilhas eletrônicas (*Excel*) de forma coletiva para a gestão da propriedade e dos custos de produção, visando à introdução de informações sobre o estabelecimento rural, possibilitando o acompanhamento das principais variáveis econômicas e o andamento da propriedade, colaborando para a tomada de decisão.

Nesta fase, os agricultores que apresentaram maior domínio sobre o uso de tais tecnologias colaboraram no processo de introdução deste hábito junto às famílias dos demais agricultores participantes do projeto;

b) acompanhamento dos agricultores *in loco* para monitoramento e para auxílio ao processo de registro das informações, realizado pelos bolsistas e integrantes do projeto. O projeto visa construir uma metodologia com os agricultores, de forma que estes possam tornar-se autônomos nos processos gerenciais. A introdução das novas tecnologias de informação e comunicação é realizada a partir de diálogos, discussões, negociação e construção conjunta do conhecimento, buscando o estabelecimento de uma dinâmica de interface e aprendizagem social;

c) realização de palestras sobre perspectivas de mercado, custos de produção, gestão financeira e contábil da propriedade rural. Nesta ocasião foram convidados palestrantes externos para discutir sobre o mercado de citrus, cultura predominante na região;

d) coleta de material para análise de solo das propriedades rurais dos participantes.

As oficinas de integração foram realizadas de quatro em quatro meses aproximadamente e o acompanhamento dos agricultores em suas propriedades ocorreu mensalmente, sendo que a equipe do projeto se reunia de forma quinzenal.

TICs e agricultura familiar nas regiões investigadas

A sociedade contemporânea vive uma relação estreita com as tecnologias de informação e de comunicação, dada à centralidade que ganharam no mundo globalizado, com mútua influência entre desenvolvimento tecnológico e expansão econômica do capital. As TICs viabilizam a interconexão planetária e com isso a expansão do capitalismo global. Esse, por sua vez, contribui para a difusão destas tecnologias, necessárias não só à sociabilidade, acesso à informação e ao conhecimento, como aos próprios regimes de produção do capital.

No entanto, tecnologia é mais do que seu caráter instrumental. Martín-Barbero (2009, p. 148) chama a atenção para a polissemia do termo: “Quando dizemos ‘tecnologia’, o que estamos nomeando não é somente uma coisa mas um ‘âmbito’ extremamente potente, tanto de linguagens como de ações, tanto de dinâmicas sociais, políticas e culturais, quanto de interrogações sobre o que significa ‘o social’ hoje.” O desafio tecnológico não tem origem na tecnologia em si mesma, mas

nos hábitos, nos usos, nos novos rituais e mitos que elas geram (COULDRY, 2009, 2010).

Desta forma, espaços como o lar são privilegiados para estudo, pois nele se estabelece “*una mediación fundamental de carácter práctico, afectivo y simbólico en la apropiación de Internet e del teléfono celular. O hogar constituye un entramado de rutinas domésticas y conexiones mediáticas, de vínculos familiares y redes virtuales de cierres y aperturas online off line (...)*” (WINOCUR, 2011, p. 8). Especialmente na realidade rural, em que espaço de trabalho e de vida é o mesmo.

Ambas as pesquisas – localizadas na Microrregião de Santa Cruz do Sul e na região do COREDE do Vale do Caí – compreendem que os *usos* das TICs referem-se aos *usos* dessas tecnologias, tais como o celular, o computador, a internet na vida cotidiana para comunicação e troca de informações, já as *apropriações* constituem-se em maior domínio dessas tecnologias, ou seja, sua utilização para além da troca de informação, para a qualificação dos processos de gestão, de controle da propriedade e para ampliação da interação com os demais agricultores e organizações vinculadas ao rural. Dessa forma, quanto maior as apropriações das TICs, maior a inclusão digital do meio rural.

Portanto, a pesquisa desenvolvida na Microrregião de Santa Cruz do Sul explora especialmente os *usos* das TICs na vida cotidiana das famílias produtoras de tabaco da agricultura familiar, observando as práticas orientadas pela mídia. Analisa as relações que os sujeitos sociais estabelecem com as mídias, tanto com a tradicional – jornal e revistas, rádio e televisão -, quanto com a nova mídia – telefone celular e computador -, e atenta para a refuncionalização simbólica dada pelos sujeitos no cotidiano (WINOCUR, 2011). Leva em conta as condições práticas de vida e de trabalho do grupo social em estudo, em que a força do espaço de vida (rural) e de trabalho (a produção de tabaco e outros produtos agrícolas) são elementos fortes inclusive na relação com as tecnologias. Portanto, é feito um olhar para a cultura na relação com os meios de comunicação, como propõe Martín-Barbero (2009). O estudo não se circunscreve à recepção ou consumo, busca observar as ocorrências a partir de uma perspectiva que ultrapassa a análise de um momento do processo comunicativo (seja produção, texto, recepção/consumo), atentando-se para todo circuito da comunicação/da cultura.

Dados preliminares apontam para que, tanto a vida social cotidiana, quanto aspectos de caráter mais pessoal e, sobretudo, os modos de viver em família, são afetados e reorganizados pela presença dessas tecnologias. As duas famílias tomadas para análise neste artigo

caracterizam-se por: a primeira, que será chamada de Família A, tem três membros: pai (30 anos), mãe (30 anos) e filho (8 anos)⁷. A escolaridade do pai e da mãe é ensino fundamental incompleto e o filho está no ensino fundamental. A propriedade rural da família conta com 11 hectares, onde se cultivam tabaco - cerca de 90 mil pés por ano em cinco hectares -, milho, feijão, batata, batata doce, aipim, abóbora e verduras em geral, além de criarem porcos e galinhas. A casa é composta de sala e cozinha integradas, dois quartos e um banheiro. Além da casa, a propriedade tem uma estufa para secar o tabaco e um galpão para armazenagem de produtos e utensílios. A família também possui um automóvel e um trator.

A segunda, a Família B, é composta por quatro membros: pai (39 anos), mãe (37 anos), filho (20 anos) e filha (11 anos). Os pais têm ensino fundamental incompleto, a filha está no ensino fundamental e o filho tem ensino médio com curso de técnico agrícola completo. A propriedade da família tem 22 hectares, em que são produzidos 50 mil pés de tabaco por ano em três hectares, leite, frutas, mel, feijão, batata, batata doce, mandioca, verduras e pequena criação de gado, porcos e galinhas. Para a família A, a produção de tabaco é a maior fonte de renda da propriedade. Já para a família B, a produção leiteira disputa com o tabaco este posto. A casa tem sala, cozinha, três quartos, dois banheiros, área de serviço. A propriedade tem uma estufa para o tabaco, galpão para armazenagem de utensílios e produtos agrícolas, curral e espaço para ordenha gado leiteiro. E a posse de um automóvel, uma motocicleta e um trator.

As duas famílias têm em comum a condição de agricultores familiares e de descendentes de agricultores familiares, de produtores de tabaco, de terem nascido (assim como seus ancestrais diretos) em Vale do Sol, de terem ascendência germânica, de terem morado durante toda vida ou a maior parte no campo, de terem duas gerações no lar e de terem tanto as tradicionais, como as novas mídias no lar. Ainda, o grau de escolaridade dos pais é o mesmo, assim como ambas têm filhos crianças na escola. Boa parte dessas características compunha o perfil buscado pela pesquisa. As duas famílias distinguem-se na quantidade de membros, na área da propriedade, bem como na produção.

Com relação à presença das tecnologias de comunicação, ambas as famílias têm rádio, televisão, jornal, computador, internet, celular e telefonia fixa. A Família B tem acesso a uma revista. O rádio é o meio de presença mais antiga, chegou ainda com o casamento para

⁷ As idades correspondem às do período da primeira visita.

os dois casais. A televisão foi adquirida por ocasião do casamento para a Família A e, logo após esse, para a Família B. Jornal, revista, telefonia fixa e móvel são relativamente recentes, da última década. A internet é presença nos lares há cerca de dois (em 2014).

Em termos de equipamentos, a Família A tem uma televisão (de tubo) captada por antena parabólica (disposta na sala/cozinha), um computador de mesa com internet (sala/cozinha), três aparelhos de telefone celular, três rádios (um portátil na sala/cozinha, um no trator e um no carro de passeio), um aparelho de telefone fixo (na sala/cozinha) e um jornal semanal microrregional. A Família B tem uma *smart tv* com internet (sala), uma televisão com antena parabólica (de tubo, na cozinha), um computador de mesa (sala), um *notebook* (móvel, usado em diversas peças da casa), um *tablet* (idem notebook), dois aparelho de rádio (um portátil, usado na estufa, e um no carro de passeio), revista mensal e um jornal semanal microrregional. Em ambos os lares, há uma concentração de mídias no espaço da sala.

As famílias organizam seu ano e o dia de trabalho muito conforme o ciclo produtivo do que produzem, neste caso especialmente em função do tabaco, cujo pico de trabalho está entre os meses de outubro a fevereiro. Neles, as famílias são envolvidas numa jornada maior se comparada às outras atividades produtivas, incluindo no mesmo ritmo os finais de semana. Nos demais meses, outras atividades agropecuárias são realizadas, como plantio de milho, feijão, batata. No dia a dia, os informantes acordam por volta das 6 horas, tomam café, dirigem-se as suas ocupações diárias. As crianças vão à escola pela manhã durante o ano letivo. Almoçam juntos no lar e após seguem as atividades produtivas até o final da tarde. No caso das mulheres, dividem seu tempo de trabalho diário entre as tarefas domésticas e as atividades na lavoura e o trato dos animais. Aparentemente, a educação dos filhos é dividida pelo casal em ambos os casos. As duas crianças vão à escola pela manhã e, à tarde, ficam em casa. Relatam que dividem o tempo entre a TV, os jogos no computador (ou na TV, no caso da filha da Família B) ou no celular, as brincadeiras dentro e fora da casa e os deveres da escola. As crianças auxiliam em pequenas tarefas domésticas e no trato dos animais.

À noite e aos finais de semana o tempo geralmente é dedicado ao lazer. É quando as tecnologias da comunicação e informação ganham o tempo das famílias. As principais atividades de lazer são o acesso às TICs e, em menor tempo dispendido, a participação em jogos (especialmente os homens), em festas comunitárias ou familiares e a passeios na vizinhança/familiares e em outras localidades ou municípios. Há relatos sobre a carência de opções de lazer, em

especial na Família B. Foi explicitado pelos informantes a relação entre os meios de comunicação e a prática de lazer. O uso dos meios apareceu nas entrevistas dissociado das rotinas de trabalho e predominantemente associado à busca por conteúdo de entretenimento (audiência de filmes, desenhos animados, telenovelas, músicas etc) e pelas relações de sociabilidade (via redes sociais), em detrimento de conteúdos que respondessem às atividades produtivas.

Resultados preliminares também indicaram que cada informante confere uso distinto a cada mídia e ganha espaço o uso individual, embora algumas práticas de audiência sejam compartilhadas. Essas práticas estão relacionadas, de acordo com esta pesquisa, com (a) as possibilidades técnicas de uso do determinado meio (como sinal do telefone etc), (b) o uso individual feito pelo informante de acordo com seus interesses ou possibilidades (apropriação individual) e (c) a relação entre os usos e as demais práticas cotidianas, incluindo o trabalho, que no caso da agricultura familiar é desenvolvido no lar e, portanto, se confunde com o ‘restante’ da vida social.

No caso das práticas compartilhadas, observou-se que o rádio, ao menos nas famílias em estudo, já não ocupa o lugar central que no passado tinha no espaço rural. É pouco valorizado, sendo usado para escuta de música e de notícias locais ou regionais em situações em que as demais mídias não permitem seu uso, como durante o trabalho dentro da estufa, na direção do trator, no carro quando se deslocam, durante os trabalhos domésticos. Dentro da casa, tem sido acessado frequentemente por meio do computador ou do aparelho de televisão e não só aparelho tradicional por ondas.

No caso dos jornais, a leitura se faz ao longo da semana, em distintos espaços do lar, à noite, e nos finais de semana e a preferência é por informações locais e regionais. O sinal de televisão é captado por antena parabólica aberta em ambos os lares, tendo canais nacionais disponíveis. Os membros das famílias assistem a telejornais, telenovelas, desenhos animados e filmes. Em ambos os lares, a televisão é vista durante o dia pelas crianças e à noite por todos os membros das famílias, mas nem sempre em conjunto, como era prática tradicional antes da entrada do computador, celular e internet. A audiência se dividiu com a nova mídia. Na família B ainda há a particularidade de um dos aparelhos de televisão (*smar tv*) ser utilizado também para o acesso à internet.

As novas mídias parecem estar com seus usos ainda sendo explorados e, aos poucos, adaptados à rotina familiar. O computador (e seus similares) e a internet chegaram a partir de demanda da escola

dos filhos, ganharam a família e tiveram superadas as dificuldades técnicas e a barreira dos custos de implantação e manutenção, atualmente sendo acessadas por todos os membros de ambas as famílias. A internet chega por rádio. De um modo geral, os adultos usam a internet para entretenimento (jogos, curiosidades, músicas), informação (relacionadas à atividade produtiva e outros interesses) e serviços (pagamento de contas e compras online). E as crianças usam para trabalhos escolares, audiência de desenhos animados e jogos. Embora o estudo não realizasse medições no tempo de uso, os relatos apontam para boa parte do tempo de acesso gasto nas redes sociais, com destaque ao *Facebook*. Nessa rede social, os usos destacados são para sociabilidade e entretenimento, bem como para busca de informações locais e regionais.

No caso do celular, a refuncionalização está presente. Em ambos os lares o sinal é precário, não sendo possível telefonar com os aparelhos. Assim, no cotidiano, são majoritariamente usados para a escuta de música, jogos e a produção de fotografia e vídeos, sendo que jovens e crianças das duas famílias promovem mais esses usos. O celular é usado para ligações telefônicas quando os membros das famílias se deslocam das suas propriedades. Um dado curioso é a posse individual do aparelho/mídia, o que confere certa autonomia e individualidade de uso, distinta, especialmente, das mídias tradicionais, cuja audiência era, e em parte ainda é, mais coletiva/familiar.

Já a pesquisa localizada na Região do COREDE Vale do Caí, por sua vez, tem resultados de um Projeto Piloto aplicado em dez (10) famílias de agricultores que produzem, notadamente, citros. A preocupação da pesquisa se dá especialmente com o uso e as apropriações das TICs por parte dos agricultores. Para os agricultores participantes do projeto, foi aplicado um questionário para obtenção de informações socioeconômicas e culturais e informações sobre os usos e as apropriações das TICs. Essas informações foram trabalhadas em planilha Excel e permitiram a geração de gráficos e de tabelas que compuseram o perfil socioeconômico e cultural das famílias participantes do Piloto e a identificação do uso e da apropriação das TICs pelos agricultores. Salienta-se que, no projeto em análise, os usos das tecnologias relacionam-se ao acesso e ao emprego das TICs e as apropriações estariam relacionadas com a adequação, a adaptação e o empoderamento com a utilização.

Os resultados de campo na região do COREDE Vale do Caí, de acordo com as informações obtidas através do Projeto Piloto, nos permitem inferir que no que se refere ao acesso e ao uso de TICs todos

os dez entrevistados possuem celular e apenas um deles não possui nem computador em casa e nem *notebook*. Dos entrevistados, seis deles utilizam o computador e a internet diariamente. Este acesso à internet ocorre via computador em casa com banda larga (um entrevistado), por 3G (quatro entrevistados), via rádio (quatro entrevistados). Quando conectados à internet, cinco dos entrevistados permanecem por pelo menos uma hora, e cinco, entre uma e duas horas.

Embora o projeto Piloto não possa representar a situação da Região do Vale do Caí como um todo se torna interessante verificar que a realidade do campo está mudando e que uma nova ruralidade desponta. Todos os entrevistados acreditam que o uso do computador ajuda nas atividades do campo, sendo que sete afirmam que ajuda muito, e três acreditam que ajuda um pouco. No entanto, observou-se que embora os agricultores participantes do Piloto utilizem essas tecnologias, limitam-se a troca de informações pessoais, músicas, filmes, e-mails, sites de relacionamento, busca por informações referentes à previsão do tempo e, raramente, a busca por reportagens sobre produção e custos.

Dessa forma, pode-se inferir que o uso da TICs ainda concentra-se em atividades de lazer e de informação gerais, apresentando limitações no que se refere à aplicação destas tecnologias no trabalho dos agricultores.

O projeto Piloto ainda desenvolveu atividades voltadas à extensão tecnológica supracitadas na seção metodológica. Dentre elas, salienta-se que as oficinas de integração ocorreram no período, aproximadamente, de quatro em quatro meses e o acompanhamento dos agricultores em suas propriedades ocorreu uma vez por mês, sendo que a equipe do projeto, de modo geral, se reunia de quinze em quinze dias. No tocante as estas atividades verificou-se que há dificuldade de utilização de instrumentos de gestão e de controle do estabelecimento rural pela agricultura familiar, dentre eles, destacam-se: a baixa troca de informações entre os agricultores participantes, a desconfiança dos agricultores em relação à equipe do Projeto e entre eles próprios, a falta de hábito de registrar as despesas e as receitas, a incompreensão da real necessidade de controle para tomada de decisão.

Embora, na região do Vale do Caí, os agricultores familiares apresentem, de modo geral, ensino fundamental incompleto (IBGE, 2006), os agricultores do Projeto Piloto apresentaram ensino médio completo (7 agricultores) somado ao fato da idade média dos participantes ser de 33 anos, poder-se-ia inferir que haveria maior facilidade na implementação de controles de gestão da propriedade

rural. No entanto, verifica-se que os motivos que levam ao desinteresse pela gestão do estabelecimento rural não se justificam pela baixa escolaridade e pela pouca idade. Na prática, a compreensão dos processos de gerenciamento são muito mais complexos, pois envolvem a necessidade de hábito de registro, o entendimento básico de contabilidade rural, o estímulo de retorno financeiro a partir do uso da tecnologia de gestão, competências cognitivas, dentre outros.

Portanto, as apropriações das TICs, consoantes ao significado adotado pelo Piloto, ainda apresenta-se distante da realidade. A inclusão digital na área rural é bastante precária, pois a falta de investimentos em infraestrutura causa a indisponibilidade de manutenção de sinal de rede, constituindo-se em perda de oportunidades, pois a internet é uma maneira fácil, rápida e eficaz para a busca e para troca de informações. Além disso, não se verificou a utilização das TICs para aprimoramento da gestão das propriedades.

De acordo com o Projeto Piloto, a construção coletiva de instrumentos de gestão torna-se uma possibilidade de superação das dificuldades, entretanto, este processo na prática é bastante complexo, porque há desconfiança por parte dos agricultores, o que exige a construção de uma relação que permita a legitimidade da equipe. Tal situação não se coaduna com o tempo de realização de projetos e de programas de financiamento. O caso do Projeto Piloto de Montenegro, na região do Vale do Caí, reforça o afirmado acima, uma vez que o Piloto durou em torno de três anos e, mesmo assim, de modo geral os agricultores participantes ainda apresentam dificuldades de registro das informações e necessidade de assessoramento, demonstrando que a autonomia no processo gerencial é uma realidade distante para a agricultura familiar (DEPONTI et al, 2015).

As experiências de pesquisa e de extensão vivenciadas no Projeto Piloto desenvolvido no município de Montenegro evidenciaram que a introdução das TICs no meio rural, especialmente através da construção coletiva de planilhas de acompanhamento, poderá permitir a legitimidade dos agricultores e a sua autonomia no processo gerencial do estabelecimento. Por outro lado, identifica-se que a utilização das novas tecnologias de informação e de comunicação exige uma construção coletiva do conhecimento, a partir de diálogos, de discussão e de negociação, buscando o estabelecimento de uma dinâmica de interface e de aprendizagem social (DEPONTI et al, 2015).

Evidencia-se, também, que somente o acesso das famílias a essas tecnologias a partir de uma infraestrutura adequada não é suficiente, sendo necessário, ainda, que as mesmas recebam uma

qualificação específica que garanta a utilização das informações compatíveis com seu modo de vida. É necessário, também, que os agricultores vislumbrem o real e o efetivo resultado obtido a partir da utilização das TICs e da sua contribuição para a tomada de decisões, especialmente no que se refere aos instrumentos de controle e de gestão da propriedade rural. Acredita-se que o envolvimento dos agricultores no processo de construção coletiva dos instrumentos de gestão poderá contribuir para o desenvolvimento de um sentimento de pertencimento ao processo, possibilitando-lhes um maior comprometimento e, por sua vez, um maior aproveitamento destas tecnologias.

Conforme referido, identificam-se inúmeros desafios quanto ao uso e à apropriação das TICs nos processos de gestão das propriedades pela agricultura familiar. O Projeto Piloto analisado confirmou o que algumas bibliografias indicam sobre o tema, em especial no que se refere à falta de cultura de registro de informações por parte dos agricultores, a inadequação das ferramentas existentes, bem como, a difícil compreensão dos mesmos devido ao seu baixo grau de instrução e à complexidade do processo de gestão a propriedade rural. A superação destes desafios requer a compreensão do universo simbólico e cognitivo dos agricultores, de valorização do saber-fazer intergeracional, de compreensão da diversidade e da heterogeneidade da agricultura familiar. No que se refere aos processos de gestão e de controle da propriedade rural, talvez seja necessário um repensar sobre as práticas existentes e a construção coletiva de instrumentos legitimados pelos próprios agricultores.

Aproximações conclusivas sobre usos e apropriações das TICs

O acesso a bens simbólicos e, por meio deles, à informação e ao conhecimento, se não garante, carrega o potencial da inclusão dos grupos sociais, seja no sistema produtivo ou na vida social de um modo geral. No espaço rural, historicamente menos privilegiado em relação ao urbano quanto à presença das tecnologias de informação e de comunicação, tem vivido nos últimos anos a chegada da nova mídia. No entanto, o acesso a essas tecnologias não ocorre de maneira uniforme, oscilando conforme a presença de maior ou menor infraestrutura e as possibilidades financeiras de acesso à tecnologia dos usuários. Como afirma Reis (2004, p. 256), “a democratização do acesso aos bens simbólicos na América Latina acompanha a perversidade do modelo econômico, excluindo uma parte considerável da sua população não só

do acesso às tecnologias como, sobretudo, da aquisição de competências para acessá-las”.

Conforme visto em resultados preliminares das duas pesquisas, tem prevalecido os usos das TICs para atividades de lazer. Infere-se aqui que a causa está tanto na pouca oferta de lazer no espaço rural, associada ao tipo de conteúdo ofertado pela mídia tradicional (com destaque para televisão) que pode ter criado uma cultura de uso relacionando mídia ao lazer e ao entretenimento. Ainda em decorrência do foi apontado especialmente pela pesquisa que se debruça no Vale do Caí, que dá conta das dificuldades dos agricultores familiares em trabalhar com *softwares* e informações de gestão.

Com baixa escolaridade (caso dos adultos da pesquisa da Microrregião de Santa Cruz do Sul), pouca ou nenhuma capacitação formal para o uso e apropriação das TICs, acesso recente à nova mídia, essas populações rurais têm resistido ao uso dessas tecnologias para o incremento de suas atividades produtivas, bem como ao seu desenvolvimento profissional e pessoal no sentido mais amplo. Uma causa para o quadro pode ser a ausência de estímulo aos agricultores(as) para o uso das TICs com vistas ao trabalho por parte das organizações que atuam nesse espaço e relacionadas à produção (empresas do tabaco, cooperativas, ONGs etc).

Para os sujeitos estudados em ambas as pesquisas aproximadas neste texto, as TICs se tornaram majoritariamente instrumentos de entretenimento e de sociabilidade (usos das redes sociais). Há um componente extremamente positivo aí: as TICs têm permitido o rompimento das barreiras do espaço, propiciado a aproximação entre os que estão fisicamente distantes, o que é caro especialmente na realidade rural, permitido um tipo de vivência num espaço mais rarefeito em termos populacionais na relação com a cidade. E, numa aparente contradição, a nova mídia tem permitido acesso a informações locais e regionais, ocupando a falha das mídias tradicionais que não atendem adequadamente as populações dos municípios pequenos e neles dos moradores do rural. Ainda, percebe-se, principalmente com a pesquisa da Microrregião de Santa Cruz do Sul, a refuncionalização da mídia para usos não previsto, com bem ilustra como as famílias estudadas lidam com o celular.

Por fim, de forma geral, é possível afirmar que os agricultores familiares, embora façam uso das TICs, no tocante às apropriações dessas referentes aos processos de gestão da atividade produtiva ainda têm muitos desafios a serem superados.

Referências

BARCELOS, Luana; SILVA, Grébori Anderson; RITT, Douglas; LUBACZWSKI, Angélica; DEPONTI, Cidonea Machado. *Agricultura Familiar e Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs): Projeto Piloto Vale Do Caí*. Revista Jovens pesquisadores, v. 4, n. 1. Santa Cruz do Sul: UNISC, p. 106-117. 2014. Disponível em: <http://online.unisc.br/seer/index.php/jovenspesquisadores/article/view/4454>. Acesso em: 28 ago.2015.

BERTAZZO, Cláudio José. *A agricultura de base ecológica no COREDE vale do Caí (RS)*. 2009. Disponível em: <http://www.reformaagrariaemdados.org.br/sites/default/files/2009%20bertazzo_cj_dr_prud.pdf>. Acesso em: 28 ago.2015.

BORDENAVE, Juan Díaz. *O que é Comunicação Rural*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues (2007). Reflexões sobre como fazer trabalho de campo. Em *Sociedade e Cultura*, v. 10, n. 1, jan/jun 2007. Disponível em: <http://www.revistas.ufg.br/index.php/fchf/article/view/1719>. Acess: 28 ago. 2015.

CARVALHO, Cleonice de et al. *Anuário brasileiro do tabaco 2014*, Editora Gazeta Santa Cruz do Sul., 2014 Disponível em: <http://www.grupogaz.com.br/tratadas/eo_edicao/25/2014/12/20141205_748fbb8d5/flip/#48>. Acesso em: 8 fev. 2015.

CONTERATO, M.; GAZOLLA, M.; SCHNEIDER, S. A dinâmica agrícola do desenvolvimento da agricultura familiar no Alto Uruguai, Rio Grande do Sul: suas metamorfoses e reações locais. In: TONNEAU, J. P.; SABOURIN, E. *Agricultura familiar: interação entre políticas públicas e dinâmicas locais: ensinamentos a partir de casos*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.

CONTERATO, M.; SCHNEIDER, S.; WAQUIL, P. D. *Estilos de agricultura: uma perspectiva para a análise da diversidade da agricultura*. Ensaios FEE, Porto Alegre, v. 31, n. 1, p. 149-186, 2010.

COULDRY, Nick. *Why voice matters*. Culture and politics after neoliberalism. Londres: Sage, 2010.

COULDRY, Nick. My media studies: thoughts from Nick Couldry. *Television & New Media*, v.10, n.1, p. 40-42, 2009.

DEPONTI, Cidonea Machado; KIST, Rosane B. B; BARCELOS, Luana; RITT, Douglas. Desenvolvimento regional e ações no território: o uso e a apropriação de TICs no Vale do Caí-RS-Brasil. In: Anais II Congresso Internacional SETED-Ante. Seminário Estado, Território e Desenvolvimento. 2015, p. 991-1006.

DEPONTI, Cidonea Machado. As “agruras” da gestão da propriedade rural pela agricultura familiar. In: *Redes*, Revista do Desenvolvimento Regional, Santa Cruz do Sul, v. 19, ed. especial, p. 9-24. 2014. Disponível em: <http://online.unisc.br/seer/index.php/redes/article/view/5150>. Acesso em: 28 ago.2015.

DEPONTI, Cidonea Machado. Contribuições teóricas brasileiras ao debate da agricultura familiar. In: *Gedecon*, Revista Gestão e Desenvolvimento em contexto, Cruz Alta: Unicruz, v. 2, n 1, (jan/jun), p. 82-102. 2008.

DUARTE, Rosália (2004). Entrevistas em pesquisas qualitativas. In *Revista Educar*, Curitiba, n. 24, p. 213-225, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/er/n24/n24a11.pdf>. Acesso em: 14 ago. 2015.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina, FELIPPI, Ângela, SIFUENTES, Lírian, BIANCHINI, Aline. O estudo de práticas relacionadas à mídia junto a famílias de agricultores do tabaco: uma reflexão teórico-metodológica. In *Razón y Palabra*, Primera Revista Electrónica en Iberoamérica Especializada en Comunicación, México, n. 88 Diciembre 2014 – febrero 2015. Disponível em www.razonypalabra.org.mx, Acesso em: maio 2015.

GRAZIANO DA SILVA, J. *Tecnologia e Agricultura Familiar*. Porto Alegre: UFRGS, 1999.

JEAN, B. A forma social da agricultura familiar contemporânea: sobrevivência ou criação da economia moderna. *Cadernos de Sociologia*, PPGS/UFRGS, Porto Alegre, v. 6, p. 76-89, 1994.

IBGE Censo demográfico 2010. Disponível em: <<http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/acervo/acervo2.asp?e=v&p=CD&z=t&o=25>>. Acesso em 18 mai. 2015.

IBGE. Censo Agropecuário 2006 Agricultura familiar Primeiros resulta. Disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/50/agro_2006_agricultura_familiar.pdf>. Acesso em 14 jun. 2015.

LOPES, Maria Immacolata Vassalo; BORELLI, Silvia Helena Simões; RESENDE, Vera da Rocha. *Vivendo com a telenovela: mediações, recepção e teleficcionalidade*, São Paulo, Summus, 2002.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Uma aventura epistemológica – Entrevista. In *Matrizes*, vol. 2, n. 2, p. 143-162, 2009. Disponível em: <http://www.matrizes.usp.br/index.php/matrizes/article/view/111/178>. Acesso em 10 abr. 2015.

NEVES, D. Agricultura familiar: questões metodológicas. *Revista Reforma Agrária*, Campinas, v.25, p.21-37, maio/dez., 1995

ORTIZ, Renato. *A Moderna tradição brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1995.

PLOEG, J.D. Diez cualidades de la agricultura familiar. Disponível em: <http://www.agriculturesnetwork.org/magazines/latin-america/agricultura-familiar-campesina/diez-cualidades-de-la-agricultura-familiar#.UuUwcJwo1EM.email>. Acesso em 6 maio 2014.

REIS, Hiliana. Globalização, comunicação intercultural e mediações tecnológicas *Comunicação e Informação*, V 7, nº 2: pág 254 - 263., jul./dez. 2004. Disponível em: <http://www.revistas.ufg.br/index.php/ci/article/view/24451/14111>. Acesso em 14 ago. 2015.

SCHNEIDER, S. Agricultura familiar e pluriatividade. *Tese de doutorado*. Porto Alegre: UFRGS, 1999. 470 p.

SCHNEIDER, S. Teoria social, agricultura familiar e pluriatividade. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, V. 18, nº 51, p.99-123, 2003. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092003000100008&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 28 ago. 2015.

SILVEIRA, Ada Cristina Machado. *A comunicação rural na perspectiva extensionista: crítica epistemológica - possibilidades metodológicas* (dissertação). Santa Maria: UFSM, 1991.

SILVEIRA, R. L. L. et al. *Rede agroindustrial do fumo e a dinâmica de organização espacial e de usos do território na região Sul do Brasil*. [relatório de pesquisa]. Santa Cruz do Sul, RS. Universidade de Santa Cruz do Sul, 2011.

SILVEIRA, R. L. L.; DORNELLES, M.; FERRARI, S. Expansão da cultura do tabaco no sul do Brasil (1996-2006): características, mudanças e persistências na produção de tabaco e nos usos do

território. In *Biblio3W: Revista Bibliográfica de Geografía y Ciencias Sociales*, Barcelona, v. 17, n. 987, 2012. Disponível em: <<http://www.ub.es/geocrit/b3w-987.htm>>. Acesso em: 6 fev. 2015.

SINDITABACO. *Brasil é líder mundial em exportação de tabaco*, 2015. Disponível em: <<http://sinditabaco.com.br/sobre-o-setor/exportacoes>>. Acesso em: 22 abr. 2015.

STIFA, Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias de Fumo e de Alimentação de Santa Cruz do Sul e Região. Disponível em: http://www.stifa.org.br/industrias_do_tabaco . Acesso em: 8 jun. 2015.

TEDESCO, J. C. *Agricultura familiar: realidades e perspectivas*. Passo Fundo: UPF, 1999, p. p. 107-148.

SANTINHA, G.; MARQUES, J.; CASTRO, E. A. *TIC e Desenvolvimento Regional: a necessidade de repensar a organização econômica e social do território no contexto da sociedade da informação e do conhecimento*. p. 77-99. Disponível em: http://www.apdr.pt/siterper/numeros/RPER11/art04_rper11.pdf>. Acesso em: 09 maio 2014.

WANDERLEY, M. N. B. Agricultura familiar e campesinato: rupturas e continuidade. Rio de Janeiro, In: *Estudos Sociedade e Agricultura*, 2003, nº 21, [p. 42-62]. Disponível em: <http://wp.ufpel.edu.br/leaa/files/2014/06/Texto-6.pdf>. Acesso em 28 de ago.2015.

WANDERLEY, M. N. B. A Agricultura familiar no Brasil: um espaço em construção. In *Revista da ABRA*, nº 2/3, V. 25, mai-dez, 1995.

WINOCUR, Rosalía. El hogar como um lugar sócio antropológico para compreender la relación cotidiana com las TIC. *Mediálogos*, vol. 1, Montevideo (Uruguay), p, 8-19, 2011.